



# Miguilim

revista eletrônica do netlli  
Vol. 2, Núm.3, set.-dez. 2013

## POETAS DE UMA SOCIEDADE MORTA: SOBRE O PROFESSOR DE LITERATURA



## POETS FROM A DEAD SOCIETY: ABOUT THE LITERATURE TEACHER

Saulo Lopes de Sousa  
UEMA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 17/10/2013 • APROVADO EM 12/02/2014

---

### Abstract

---

The filmic work "Dead Poets Society" by Peter Weir, despite having been produced in the 1980s, is still current and relevant, to discuss the role of the teacher of literature. Moreover, the film is about the professional competence of the literature professor, bankruptcy method of teaching literature and the urgency of the foundation of a didactic antitradicionalista literature.

A obra fílmica “Sociedade dos poetas mortos”, de Peter Weir, apesar de ter sido produzida na década de 1980, continua atual e pertinente, ao discutir o papel relevante do professor de literatura. Além disso, o filme discorre sobre a competência profissional do professor de literatura, a falência do método do ensino literário e a urgência da fundação de uma didática antitradicionalista da literatura.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Teacher. Teaching of literature. *Dead Poets Society*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Professor. Ensino de literatura. *Sociedade dos poetas mortos*.

---

## Texto integral

---

*Sou professor a favor da docência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda.*

Paulo Freire

Por que estudar literatura? Por que ensinar literatura? Esses e outros questionamentos se tornam propícios para se refletir acerca da concepção e efetivação do ensino literário, sobretudo nas três series do Ensino Médio. A literatura, como dimensão artística da língua, permanece relegada a umas poucas paginas de livros didáticos, recortadas em fragmentos de obras e listagens de aspectos estilísticos. Há de se constatar, ainda, a subserviência à risca do professor de literatura, que “cegamente” obedece aos ditames estabelecidos por seu instrumento de trabalho. Nesse sentido, a obra fílmica *Sociedade dos poetas mortos* ilustra o que seja – ainda que utopia – um ensino significativo de literatura, bem como a postura antitradicionalista do ser docente.

Entende-se por literatura o que Candido (1965) expõe em *Literatura e sociedade*, ao relacioná-la com o universo simbólico e também com a instância socioideológica. Afirma ele:

A literatura é a transposição do real para o ilusório por meio de uma utilização formal que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração e implicando uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1965, p. 53).

O vislumbre do texto literário revela os segredos da trajetória humana. Como exploradores que se aventuram em territórios desconhecidos, os leitores descobrem, na leitura desses textos, costumes, crenças, e a visão de mundo do homem. Esse percurso transforma o indivíduo em novo ser, enriquecido pelo conhecimento acumulado ao longe de séculos e registrado em histórias imortais. E cabe ao docente – de literatura – proporcionar ao aluno essa viagem ao misterioso e fascinante reino das palavras.

O papel do professor no ensino de literatura é guiar o aluno de maneira que a aprendizagem seja recíproca e eficaz. Ele é incumbido a *revelar* o objeto literário de tal modo que o aluno se veja a bordo de uma fantástica viagem. Todavia, o convívio distante e amargo entre professor e aluno deve ceder lugar a um relacionamento mais próximo e amistoso. Este contato “íntimo” resultará no desejo do aluno em aprender sempre algo novo, reflexo da presença importante do educador. A função concedida a este ser (professor) ultrapassa a simples mediação no processo de aprendizagem e faz do aluno o protagonista de sua própria história. A incumbência do professor deve tornar possível a formação de pessoas críticas e libertas, “[...] sobretudo porque nós, professores, somos muito importantes como formadores de opinião” (BAGNO, 1999, p.140). Deve quebrantar regras e paradigmas pré-estabelecidos para que contribua na aprendizagem efetiva do discente.

No longa-metragem *Sociedade dos poetas mortos*, o professor de literatura John Keating (Robin Williams) é contratado para atuar numa escola marcadamente tradicionalista (Academia Welton), semelhante a um reformatório para adolescentes do seco masculino. Ele destoará desse universo ao propor uma nova pedagogia, baseada na liberdade e fruição estética do literário, contestando o sistema opressor sacralizado da instituição. Trará a ruptura com o modelo “medieval” de ensino, no qual se educa dentro dos limites da tradição. Além disso, a narrativa fílmica apresenta outras marcas sociais arcaicas, como a ilusão de gênero (escola para homens, na qual o feminino não tem lugar), a família baseada no patriarcado dominante e a gênese religiosa da escola.

A autonomia ou regularização do eu é a grande discussão que o filme desperta. Pela pedagogia tradicional, o sistema de ensino exerce a padronização, cujo intuito é a busca da excelência mediante a competição, o “ser o melhor”, ter as melhores notas. Por isso, os alunos permanecem inertes, bloqueados ao livre arbítrio do pensamento. Nesse contexto, a figura do professor Keating surge como o “ideário” de professor, capaz de desconstruir esse aparelho ideológico e fazer seus alunos pensarem por si próprios, isto é, que se percebessem sujeitos de sua aprendizagem e não apenas objetos (cena em que os alunos sobem em cima das mesas). Contudo, em toda revolução se esconde certo perigo: é possível ensinar a pensar por si mesmo?

O primeiro contato com a turma de adolescentes já revela o intuito do professor de reelaborar as bases do ensino de literatura naquela instituição. Apesar do estranhamento no primeiro instante, os alunos perceberam ali a possibilidade de transporem limites e alçarem horizontes, antes fadados ao

cumprimento das promessas e tradição de suas famílias. A cena em que um aluno lê o prefácio do livro de literatura, feito pelo PhD J. Evans Pritchard, de título *Compreendendo a poesia*, é interessante. Enquanto o aluno lê, Keating desenha no quadro dois gráficos que representariam a “grandeza” estético-literária das poesias de Byron e Shakespeare. Ao fim da leitura, Keating profere: “Excremento!” Discorda da posição do estudioso e um estudante que reproduzia o “gráfico poético” no caderno o rabisca. Em seguida, pede a turma que rasgue aquela página do livro.

Claramente, a atitude de Keating expõe sua concepção de literatura. Tal postura revela um ser docente que entende a arte poética – e literária – como produto do fazer estético e destinado à livre apreciação do público leitor e não como objeto de sistematização/enquadramento. O ato de rasgar as páginas do livro, quase uma profanação da “bíblia acadêmica”, representa a negação a qualquer paradigma que cerceie o pensamento e encerre o objeto literário em formulas ou gráficos. Ao contrário do que percebe, o professor de literatura se vê encurralado ao construir o conhecimento com seus alunos. Isso se deve a uma grade curricular fragilizada, que privilegia os estudos da gramática, relegando poucas aulas ao ensino da literatura. Soma-se, ainda, a *alienação metodológica*, baseada exclusivamente nos “mandamentos” constantes no livro didático, cuja configuração cristalizada é período histórico, características literárias, autores e fragmentos de obras. Pressionado pelo sistema, tendo que cumprir a carga horária exigida, o professor não consegue realizar um trabalho significativo, ou quando tenta implementar didática inovadora, é logo questionado e inibido pela instituição de ensino.

A metodologia utilizada por Keating, ainda que radical e revolucionária para a escola, representa o “ideário” que se espera de um professor de literatura. Deve-se incitar nos alunos o gosto literário, fazê-los perceber a literatura como forma de conhecimento da própria alma humana, também como uma forma de emancipação. É na arte que se deve buscar inspiração para lecionar e refletir acerca do mundo e do ser. Mais do que isso, o docente deve acreditar na potencialidade leitora de seus alunos, despertar-lhes o “poeta” incrustado em cada um, crer que podem mergulhar na obra literária e emergir um novo ser. A cena em que o jovem e tímido Anderson se descobre poeta é emblemática. Incitado por Keating, o rapaz se põe na frente da classe e, de olhos fechados, segue as orientações do professor para que solte o *bárbaro grito* poético que habita dentro de si. O professor pede que descreva o que vê. Assim, começa a conceber inseguramente um poema, que logo se agiganta em essência literária.

Keating está à frente de seu tempo, representando a concepção de ensino audaciosa e altamente questionadora. Sua atuação docente critica a educação tradicional e propõe um novo ideal pedagógico, pautado no processo dialógico-humanista. O processo educativo deveria confundir-se com o próprio viver. Assim, a manifestação do princípio *carpe diem* sinaliza a total desvinculação das práticas ortodoxas impostas pela escola. As propostas de ensino também se desgarraram dos espaços convencionais para outros ambientes também propícios ao ensino. Os encontros na caverna para a declamação de poesia são indícios dessa

desagregação das convenções metodológicas e disciplinares da instituição, como ainda formas democráticas e autônomas de ensinar e aprender.

O idealismo de Keating alude ao processo de mudança que tornaria a sociedade mais justa e harmônica. Entretanto, haverá sempre atritos com a ordem conservadora, com as forças opressivas que rejeitam a contestação, ainda que traga ganhos e melhorias. Nesses conflitos, nem sempre o *de-vir* acontece como se espera. Keating é demitido por conta de suas práticas destoantes do sistema tradicional, além de ter “contribuído” para o suicídio de um dos personagens, o jovem Neil – evento trágico que na verdade acontece devido à atitude imutável do pai deste, que o proíbe de participar de um espetáculo teatral. O filho deveria se desgarrar da arte/literatura para seguir a “vocação” da família e estudar numa boa universidade. A revolta do rapaz em não suportar o autoritarismo paterno resulta no seu autoaniquilamento, impacto da subversão à ordem instituída.

Ao negar o “*happy ending*”, o filme incita a indagação: fazemos parte da “sociedade dos poetas mortos”? O questionamento conduz à reflexão da capacidade do ser humano, enquanto sujeito social, de repensar as práticas educativas atuais para construir uma pedagogia que efetive o ensino de literatura: “Se a estrutura do sistema de educação não contribui para que ele [professor] atue de forma possível, [...] a má atuação é parte planejada e esperada pelo sistema, já que a própria estrutura encurrala o professor e desvaloriza o seu valor profissional” (LEAHY-DIOS, 2001, p.97).

Keating assumiu verdadeiramente a dimensão política de seu ofício: o ato de educar como forma de libertação: “Assumir que educar é um ato político é assumir automaticamente a necessidade de tomar uma postura diante desse fato e, por conseguinte, uma atitude” (LEAHY-DIOS, 2001, p.98). A literatura, na obra fílmica, é vista como instrumento de resistência e humanização do ser. Keating foi o único que conseguiu transformar sujeitos alienados em cidadãos conscientes de sua presença no mundo: semeou poetas em uma sociedade morta. Sonho tolhido ou utopia possível, é a ele – professor – toda reverência: “Óh, capitão! Meu capitão!”.

---

## Referências

---

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1965.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Língua e literatura: uma questão de educação?* Campinas, SP: Papyrus, 2001. (Coleção Papyrus Educação)

*SOCIEDADE dos poetas mortos*. Título original *Dead Poets Society*. Direção: Peter Weir. Produção: Steven Haft. Intérprete: Robin Williams. Música: Maurice Jarre. Produzido por Buena Vista Home Entertainment; Tochestone Home Entertainment. DVD (129 min), widescreen, som, colorido. NTSC, 1989.

---

## Para citar este artigo

---

SOUSA, Saulo Lopes de. Poetas de uma sociedade morta: sobre o professor de Literatura. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 3, p. 60-65, dez. 2013

59

---

## O Autor

---

Saulo Lopes de Sousa é graduado em Letras/Literatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor de Língua Portuguesa no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão/Campus Imperatriz. Pesquisador do NELLCINE – Núcleo de Estudos em Línguas, Literaturas e Cinema, da UEMA/CESI. E-mail: sls\_barrow@hotmail.com.